

CARLOS YGLESIAS VIANNA

ESCOLA SUPERIOR DE  
MEDICINA VETERINARIA

30 JUL 1975

BIBLIOTECA

Nº 2932

A RAÇA BRAVA

NO RIBATEJO

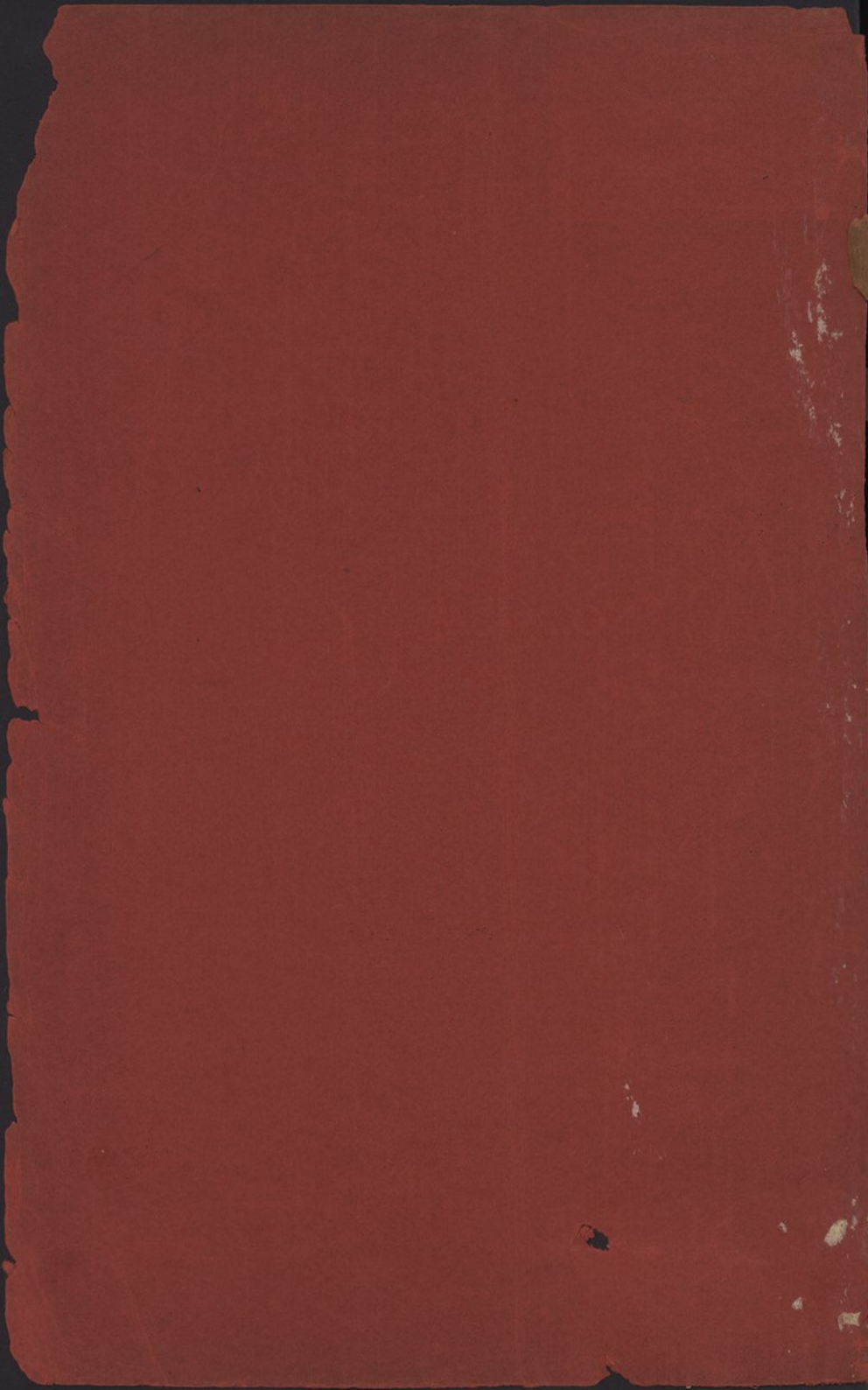


JANEIRO — 1905

*Handwritten signature*

707

Q.12, n.º 134



ARRUMACÃO

Estante

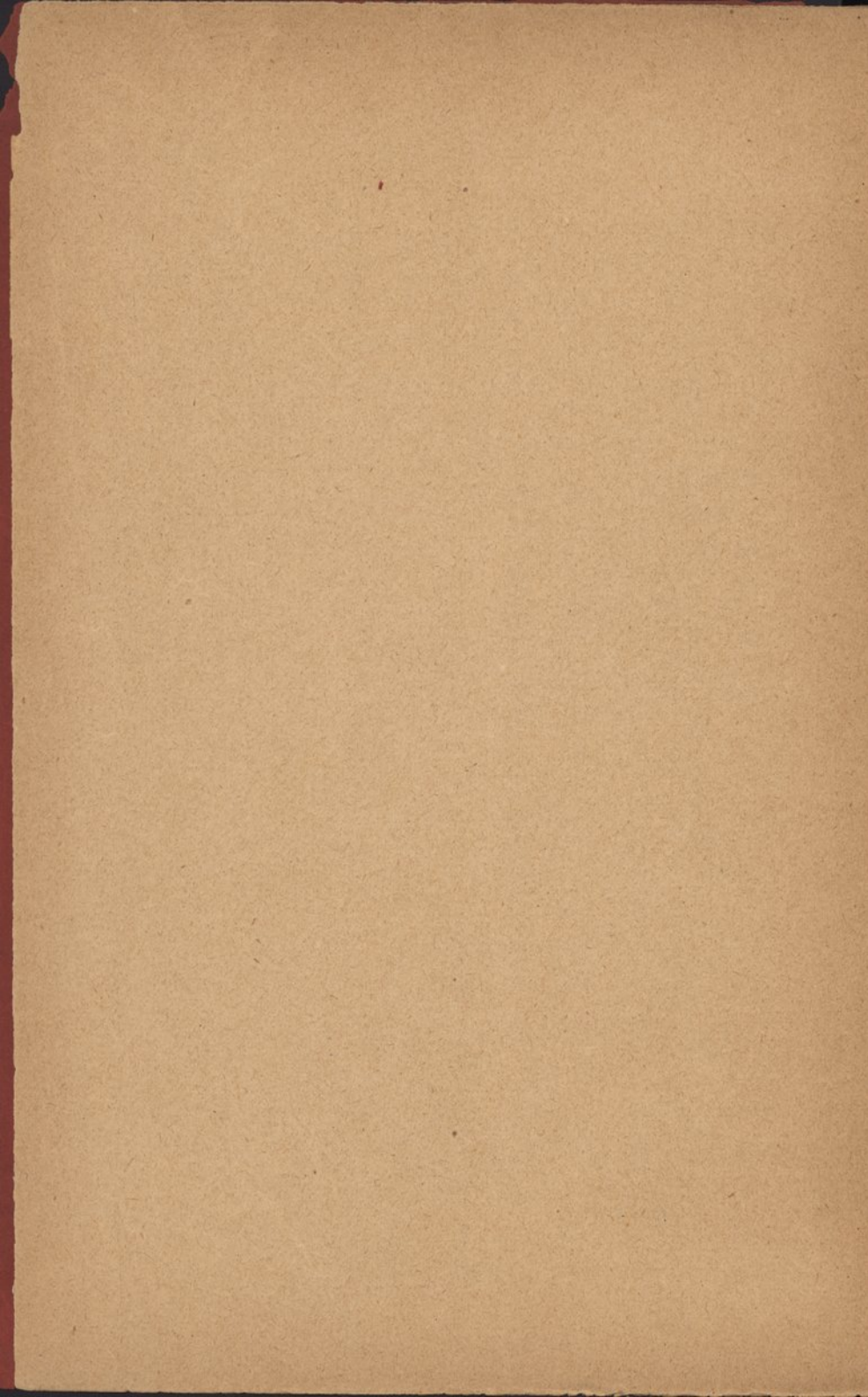
Prateleira

N.º de Ordem

Maço de verbetes N.º

R-707

Teses Antigas FHV  
1905, cx. 4, nº 134



A RAÇA BRAVA

NO RIBATEJO



1827

INSTITUTO DE AGRONOMIA E VETERINARIA

# A RAÇA BRAVA NO RIBATEJO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL D'AGRONOMIA

POR

CARLOS YGLESIAS VIANNA



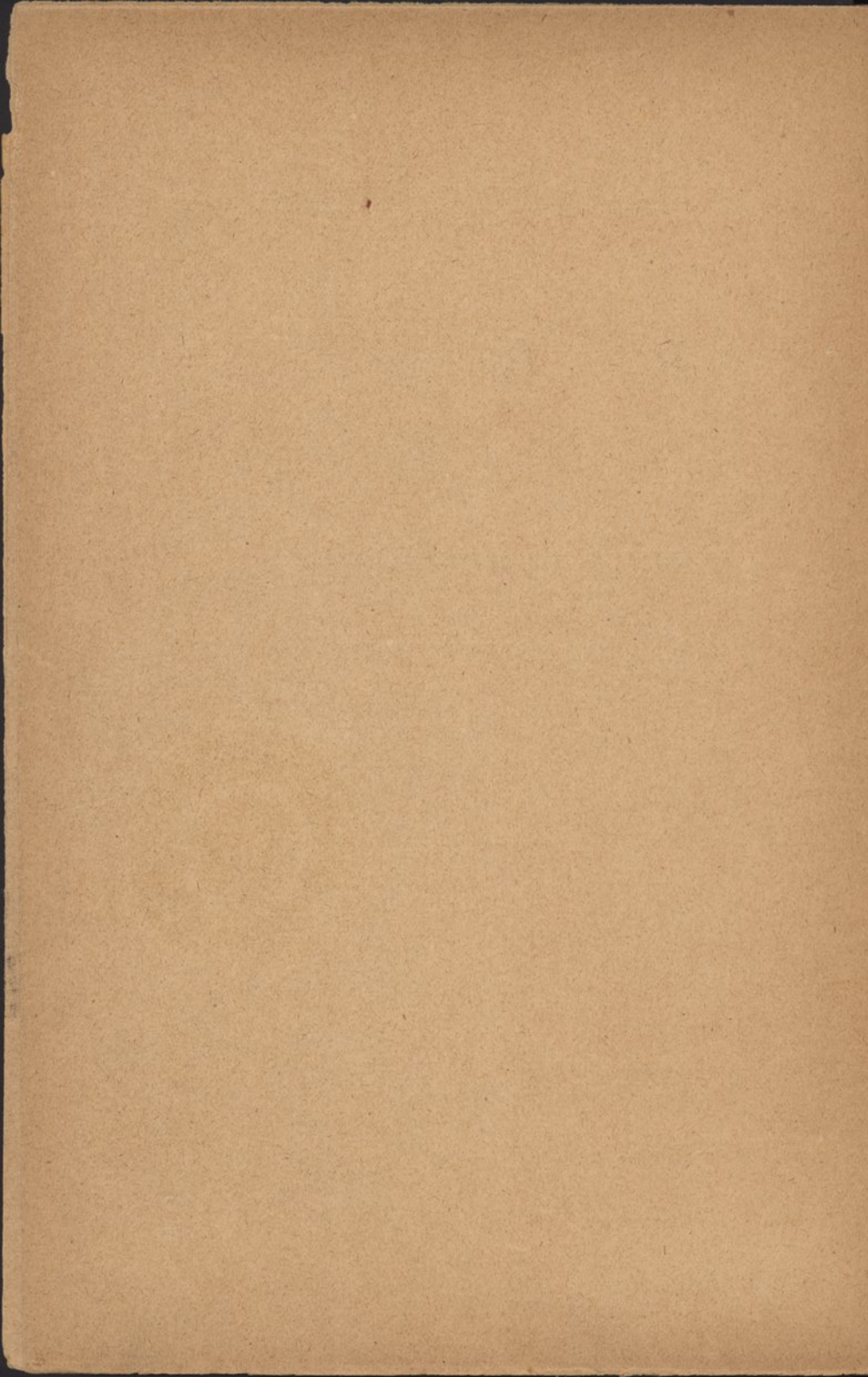
LISBOA  
IMPRESA FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA  
Rua da Alegria, 100  
1905

ESCOLA SUPERIOR DE  
MEDICINA VETERINÁRIA

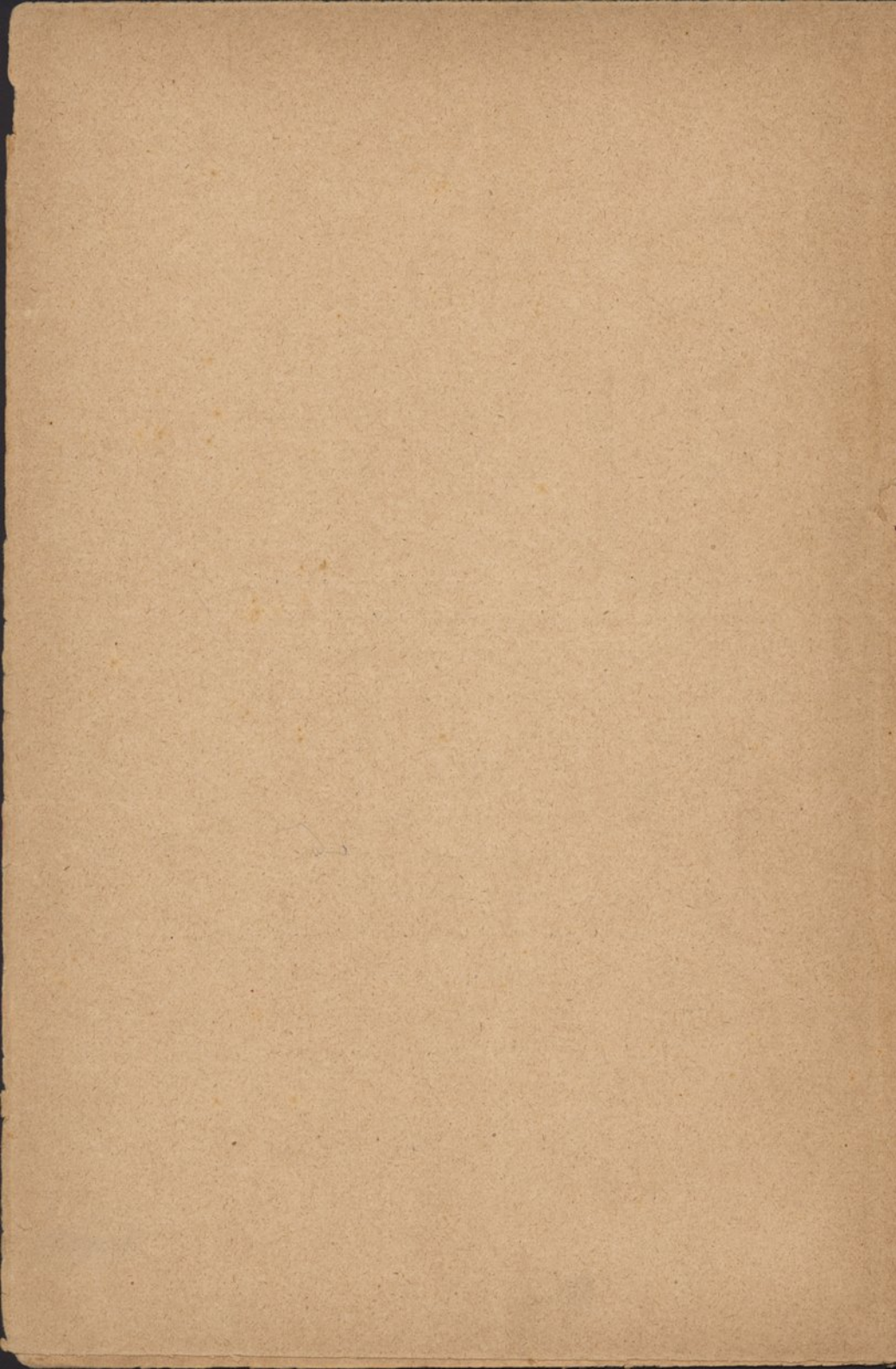
19 JUL 1975

BIBLIOTECA  
N.º 2932

N.ºs DE REFERENCIA	LOCALIZAÇÃO
Entrada 2932/75	E. R
Invent.º 23598	P. 707
	N.º



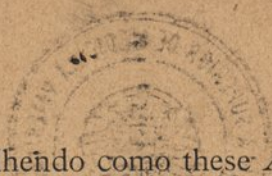
O Instituto não se responsabilisa pelas doutrinas  
expostas nesta dissertação conforme o preceituado no  
art. 76 do regulamento do decreto de 10 de Setembro  
de 1903.



Sem condições litterarias para fazer uma dissertação que interresse pela fórma, o trabalho que em seguida público tem apenas o valor da boa vontade com que foi escripto; e porque de outra maneira não conseguiria o diploma de Agronomo, a que aspiro.

Desataviado e sem preoccupações de estylo, elle é o producto de alguns mezes de estudo. Por isso, onde porventura lhe falte fórma litteraria, sobejar-lhe-ha sinceridade.

Não sou um homem de letras. Sou um estudante que dá a publico o resultado d'aquillo que aprendeu na sua especialidade.



Escolhendo como these *A raça brava no Ribatejo*, pretendo unicamente, descrevendo e emittindo a minha opinião sobre a sua exploração, lembrar aos mestres um assumpto que me parece ter sido até hoje estudado mais por informações erradas do que pela observação directa, e que julgo de capital importancia para a agricultura, tal como ella se encontra no Ribatejo.

Tratando pois do estudo da *raça brava no Ribatejo*, para o qual apenas me servirão, póde-se dizer, factos por mim observados na região e algumas informações e apontamentos fornecidos por diversos creadores d'este gado, eu não posso deixar de frizar bem claramente os meus agradecimentos a todos elles e em especial ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pereira Palha Blanco, que mais uma vez provou a fidalguia do seu character, fornecendo-me todas as informações de que necessitei.



I

Solar—Caracteres morphologicos—Regimen—Verdadeira razão da sua existencia

Tem esta raça bovina o seu solar quasi exclusivamente no Ribatejo, percorrendo em grandes manadas as suas charnecas, monchões e extensas lezirias, que periodicamente o Tejo inunda fertilizando essas uberrimas campinas, onde se encontram, com luxuriante vegetação, os mais extensos prados naturaes de Portugal.

Dando um aspecto verdadeiramente original a todos estes campos, encontra-se o touro, emblema do inimigo leal, a fronte erguida, o olhar feroz, como que desafiando tudo que deante d'elle se apresenta e tornando-se por assim dizer o senhor da região que se estende, na margem direita do Tejo, desde os fertes campos da Gol-

legã até á Povia de Santa Iria, e na esquerda, desde as charnecas da Chamusca até aos salgados de Alcochete, occupando pouco menos de cem kilometros de extensão.

Caracteristica e singular pela indole e regimen em que vive, tem esta raça bovina indigena do Ribatejo os seguintes caracteres morphologicos:

Cabeça comprida estreita na frente; pequenas saliencias orbitarias ; olhos pequenos sem olhães; chanfro direito e grosso ; focinho regular, negro, raras vezes orlado de pellos brancos ; orelhas de alta inserção, pequenas, muito moveis e com pendurelhos ; nuca quasi sempre com marrafa ; cornos regulares, sahindo horizontaes, levantando-se logo, e inclinando-se para a frente, de côr verde negro ; pescoço curto e espesso no bordo superior ; peito largo e profundo ; barbella pouco desenvolvida na garganta, tomando maior desenvolvimento no peitoral ; cernelha larga ; espinhaço horizontal ; costado bem desenvolvido e arredondado ; dorso e lombos largos ; espaldas musculosas ; garupa ampla e cheia ; membros compridos, robustos, finos nas extremidades e bem aprumados ; cauda de alta inserção grossa na origem e estreita na ponta ; pegunhas peque-

nas ; côr em geral negra, ás vezes malhados, salgados, castanhos, etc., com o pello lizo e egual ; altura 1<sup>m</sup>,20 a 1<sup>m</sup>,25, comprimento 1<sup>m</sup>,45 a 1<sup>m</sup>,55.

Em harmonia com o character valente e atrevido d'esta altiva raça de gado bovino, desconhecadora do perigo e cujas proezas estão escriptas em mil episodios, alguns historicos, está o regimen em que vive, de constante pastoreação, faça bom ou mau tempo, aguentando, sempre sadia, as chuvas do inverno, ou os intensos calores do verão, e mostrando com isso a sua incomparavel e enorme rusticidade !

Em manadas separadas, touros, bois e vaccas, percorrem na primavera as vastas planicies do Ribatejo, contentando-se nos pousios destinados a pastagens, bordados, em verdes de differentes tons, de plantas ferruginosas expontaneas, pertencentes a diversas familias botanicas, em que predominam as gramineas e leguminosas ; ou aproveitando os pastos das terras salgadas, que são considerados como dos melhores para os animaes d'esta raça.

Apesar de não serem as melhores pastagens as que lhes são destinadas, pois essas só as alcançam depois de pastadas pelo gado cavallar, elles ali andam gordos e fortes, até ao verão,

em que a falta de herva no campo os obriga a viver do restolho dos cereaes, e depois até ao inverno, em que vão para a charneca aproveitar o magro e pobre alimento, intermeado com alguma herva dos sitios humidos e com algumas pastagens de salgados, que são as primeiras que apparecem no campo, só voltando definitivamente para a leziria quando a mosca começa a apoquental-os na charneca.

\*  
\*   \*  
\*

A conservação da raça brava no Ribatejo tem sido até hoje condemnada por quasi todos os economistas e zootechnistas que de ella se teem occupado, dizendo estes que a exploração do gado bravo é um signal da atrazada agricultura em que o Ribatejo se encontra, porque tal exploração só convém em sitios onde a terra sobreje e os braços faltem, e portanto só é função das grandes lavouras em situações atrazadas, a não ser quando se trate de uma raça de grande importancia como a raça ingleza Dur-

ham, pelo enorme valor que tem como gado de ceva.

Os que condemnam a existencia d'esta raça com taes argumentos, ou desconhecem a região ribatejana, ou teem outros argumentos além d'estes para condemnar a existencia de tão rustica e nobre raça de gado bovino, que está sentenciada a desaparecer, segundo o seu prognostico, no dia em que acabarem em Portugal as corridas de touros!

Quem percorrer o Ribatejo e examinar a sua agricultura, vê logo que ali existe a grande propriedade, sendo o systema da cultura extensiva o geralmente seguido, pois as grandes superficies e a falta de população assim o exigem, obrigando os lavradores a fazerem afolhamentos biennaes e triennaes, para que a natureza, durante os annos de pousio, se encarregue de restituir á terra os principios fertilizantes necesarios ao desenvolvimento de todo o vegetal, nas terras mais pobres, alternando a cultura cereali-fera com as culturas sachadas ou leguminosas, nas terras de primeira e segunda classe.

A escassez de braços e a falta de estrumes não só não permitem que se faça uma agricultura intensiva em toda a região, como dão logar

a que haja grande quantidade de hectares de terrenos incultos, que poderiam ser arroteados e transformados em boas terras de produção.

Vê-se, portanto, pelo que acabo de dizer, já uma forte razão para justificar a existencia da raça brava, visto que os seus proprios inimigos dizem que ella apenas se comprehende em sitios onde se encontra a grande lavoura em situações atrazadas e o Ribatejo está n'estas condições.

Mas embora seja esta uma forte razão para justificar a sua conservação no Ribatejo, porque a grande area de charneças seria desaproveitada como pastagem se não fosse o gado bravo que nos mezes que vão de novembro a março quasi exclusivamente n'ellas se alimenta, como os restolhos dos cereaes praganosos, cultura predominante na região e alimento só por si incapaz de sustentar qualquer animal de outra raça, razões bem mais fortes, devidas a condições de clima, de solo e economicas, a tornam indispensavel n'uma parte da região e preferivel a qualquer outra em quasi todo o Ribatejo.

Nas grandes areas de lezirias que se estendem desde Villa Franca até Pancas e Samóra,

comprehendidas entre o Tejo e o Sorraia, os terrenos são formados por alluviões pantanosas, onde esta raça é a unica que póde viver, supportando o rigoroso clima e bebendo aguas estagnadas, que causam epizootias a qualquer animal de outra raça bovina.

Varias experiencias, feitas por differentes lavradores e rendeiros, teem demonstrado que nem a raça *mirandesa* nem mesmo a *alemtejana*, que está costumada a um regimen quasi unicamente manadio, podem, sem definhar, adoecer e em geral morrer, supportar os rigores de aquelle clima, lavrando nos alqueives feitos em julho e agosto, debaixo de um calor asphyxiante, sem uma sombra nas horas de descanso e tendo como bebidas para se refrescar as aguas putridas e salobras que por ali estendem a sua tri te desolação.

A rusticidade e sobriedade incomparaveis e unicas d'esta raça bovina, que sobejamente demonstrámos com o que temos dito, são um facto reconhecido pelos proprios que contra a sua conservação teem dedicado alguns artigos.

Se não reconheceram que ella não podia ser substituida por qualquer outra n'uma parte do Ribatejo, e que a sua existencia era necessaria

para não agravar a situação economica da agricultura, tornando maior a area de terrenos incultos, foi decerto porque não percorreram esses campos, examinando-os conscienciosamente.

Os que o fizeram, observaram o mesmo que nós, como se vê pelo que adiante transcrevemos do *Estudo geral da Economia Rural da 7.<sup>a</sup> região Agronomica*, que é o unico trabalho que conheço que falla com acerto do Ribatejo.

Diz esse estudo :

«Sem embargo de estafadas declamações contra a conservação d'esta raça singular e caracteristica, raça que pela sua sobriedade e rusticidade, quasi inacreditaveis, affronta, sadia, intemperies taes que fariam succumbir, anniquillar mesmo, outra qualquer, é ella ainda hoje insubstituivel totalmente, nas condições especiaes em que se encontra a agricultura de uma parte do Ribatejo, facilitando a esta, pela maior barateza real e positiva do custeio, um grangeio mais economico sem empate de maior capital e sem se correr o perigo de frequentes epizootias.

\*

\* \*

Passando agora a tratar das razões economicas que justificam a conservação desta raça em quasi todo o Ribatejo, pelo que transcrevemos do *Estudo da Economia Rural* da 7.<sup>a</sup> região *agronomica*, de que é autor o sr. Paulo de Moraes, se vê que este illustre agronomo tambem reconheceu que era muito mais vantajosa, e portanto mais rendosa, a exploração agricola, empregando no amanho das terras a raça brava de preferencia a qualquer outra, não só por a sua maior rusticidade como tambem pela grande differença que existe entre o custo da alimentação desta raça e a de qualquer outra.

Assim como antes de se condemnar um systema de cultura seguido numa região, se deve attender ás suas condicções sociaes, agricolas e economicas, afim de vêr se as circumstancias do meio justificam o processo seguido, tambem antes de dizermos que a conservação da raça brava é um signal de atrazada agricultura, te-

mos que ver o estado em que no Ribatejo essa agricultura se encontra.

Já vimos atraz que nesta região predominam as charnecas e terrenos de pastagens, e vimos tambem que o gado bravo no verão e parte do outomno se alimentava unicamente de restolho dos cereaes, alimento este só por si incapaz de sustentar animaes de outra raça bovina, e que no inverno andava na charneca onde nenhuma outra raça pode viver.

Ora como o estado actual do Ribatejo é este, porque as charnecas lá estão e estarão, e os pousios continuam, devido ás condicções economicas em que aquella região se encontra e que não são susceptiveis de transformar em pouco tempo, a alimentação de cada animal de raça brava está calculada entre 10.7000 a 12.7000 réis por anno, emquanto que o custo do sustento de qualquer boi ratinho é em media 200 réis por dia, o que dá no fim do anno 73.7000 réis.

Portanto vê se que a differença no custo da alimentação de uma e outra raça é extraordinaria e que embora sejam precisos oito bois bravos para fazer o serviço de quatro bois ratiños, o custo, no fim do anno, será de 292.7000

réis para o sustento dos quatro animaes de raça mansa, ao passo que a alimentação dos oito animaes de raça brava importará apenas em 96.000 réis, isto é, haverá um lucro para o proprietario de 196.000 reis empregando animaes desta raça nos serviços agricolas que tem a executar.

Estes numeros que me foram fornecidos por o Ex.<sup>mo</sup> sr. José Pereira Palha Blanco, intelligente lavrador do Ribatejo, e confirmados por outros proprietarios da região, mostram bem a razão por que os lavradores conservam esta raça.

Havendo apenas meia duzia, assim se póde dizer, que fornecem touros para serem corridos nas arenas do paiz, póde-se dizer tambem que quasi não existe lavrador no Ribatejo que não possua este gado, e isso porque assim consegue tirar um maior rendimento.

E' verdade que ha muitos lavradores que dizem que a exploração desta raça dá prejuizo, mas isso é unica e exclusivamente devido a que se mettem a seguir as praticas empregadas por os creadores hespanhoes, que são vantajosas em Hespanha, devido a que um animal de creador acreditado é pago por 300.000 e 400.000 réis para o espectáculo imponente das corridas com

a morte do touro, mas que nunca poderão dar resultado em Portugal, onde um touro é alugado por 30\$000 a 40\$000 réis.

Se porém é verdade que dedicando lhe cuidados especiaes, como são as selecções escrupulosas, compra de animaes estrangeiros por preços fabulosos para melhorar a raça, etc., não dá lucros a operação de os alugar para as praças portuguezas, dá em compensação um bom rendimento seguir essas praticas com o fim de os vender para Hespanha, embora isso exija ao principio um empate de grande capital, como succedeu ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pereira Palha Blanco.

Foi-lhe a principio custoso vender os seus touros para Hespanha, mas hoje é um dos creadores de gado bravo mais considerados no reino visinho, tendo mesmo conseguido premios de belleza e bravura para os seus touros, naquelle meio exageradamente patriotico onde não é facil disputar uma preferencia para um producto estrangeiro em concorrencia com o nacional!

A criação da raça brava tal como é feita por alguns lavradores que alugam pastagens por preços que não valem, que lançam touros a boas searas de pão, e que vão a Hespanha comprar vaccas e touros para assim obterem melhores

productos, com o fim de os alugarem para as nossas praças, só pôde ser considerada como um *sport*, pois a modica quantia porque é alugado um curro de touros não pôde de maneira alguma dar lucro, antes pelo contrario, dá logar a gastos consideraveis.

Quando em Portugal tentaram introduzir a criação do cavallo *puro sangue* para as corridas de cavallos, que durante alguns annos se realisaram no hyppodromo de Belem, succedeu o mesmo que está succedendo com a introdução dos touros hespanhoes.

E isso porque? Porque os cuidados que exigem os cavallos inglezes elevam muito o custo do seu sustento e tanto os pequenos premios que obtinham nas corridas como os baixos preços porque os pagavam, não davam para as despesas feitas, dando logar a que muitos dos que se metteram a crear esses cavallos para os fazer correr em Portugal perdessem dinheiro; apezar d'este mesmo negocio em Inglaterra e França ser altamente remunerador, devido aos elevados premios que alcançam e aos bons preços porque são pagos.

Aconteceu o mesmo com os touros.

Assim como o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pereira Palha

Blanco, comprando touros e vaccas em Hespanha, e empregando os cuidados que os creadores nesse paiz seguem, conseguiu collocar os seus touros nas primeiras praças de Hespanha e vende para ali todos os curros que tem, por um alto preço; tambem o fallecido Conde de Sobral, creando o cavallo *puro sangue* e não desistindo do negocio quando elle causava enormes perdas devido a não haver no paiz quem pagasse os productos por preços remuneradores, conseguiu finalmente, com muito capital e trabalhos, que os seus cavallos fossem conhecidos e apreciados no estrangeiro, para onde vendia todos os annos por bom preço os poldros que creava nas suas manadas, e tirou então o juro do capital empatado, ao passo que os que se tinham mettido em egual empreza, por falta de capital acabavam com o negocio, tendo perdido avultadas sommas...

Posto isto perguntamos nós: Qual a razão porque uns conseguem ganhár dinheiro com a exploração da raça brava para Hespanha, e outros não?

A razão está em que, sem emprego de capital, é impossivel obter rendimento.

Se ha emprezas que com pouco capital em-

patado durante pouco tempo conseguem obter o juro correspondente, outras ha que para o obter precisam de grandes sommas de capitaes empatados durante um longo prazo.

E' nestas circumstancias que se encontra entre nós a exploração do gado bravo destinado a ser vendido para as corridas em Hespanha.

A maioria dos que a teem emprehendido teem soffrido grandes prejuizos devido á falta de capital para ser empatado durante o tempo necessario para conseguir obter um producto capaz.

E' esse, como se sabe, o unico meio de poder obter a sua venda, pois teem de competir com bons exemplares, como são em geral os touros em Hespanha, que são objecto de grandes cuidados, devido ao preço porque são vendidos, que excede muito o seu valor real.

A falta de dinheiro para chegarem ao fim a que se propuzeram, junto á falta de competencia dos individuos que a isso se teem abalançado, são as principaes razões que dão logar a que digam que a criação e exploração da raça brava traz enormes prejuizos e que deve ser considerada como uma extravagancia.

Diz-se e affirma-se isso porque os que teem

tentado essa exploração, devido ás razões que atraz indiquei, acabam por alugar os seus touros para as nossas praças por a modica quantia de 40:000 réis, depois de terem gasto tres ou quatro vezes mais nos cuidados que lhes dedicaram, e na sua alimentação...

Por tudo que acabo de dizer com respeito a corridas de touros se vê bem que de forma alguma são ellas que justificam a existencia desta raça pois os que mais se teem apurado em melhoral-a para esse fim teem sido exactamente-aquelles que contra ella falam.

Pelo contrario, os que criam o gado bravo como motôr util á agricultura e como productor de carne, aproveitando as corridas apenas como mais uma funcção de que esta raça é susceptivel, defendem-a como sendo mais util a sua exploração, pelas excellentes qualidades para todas as funcções, superiores ás de todas as outras raças bovideas.

E ainda bem que assim é porque se todos os lavradores que possuem este gado o tivessem devido a haver corridas de touros, decerto já tinham morrido de fome á espera do lucro que isso lhe produziria, porque o numero de praças que ha no paiz não chega para correr nem

metade dos touros que se criam nas extensas margens do Tejo!

\*  
\*   \*  
\*

Resta-me apenas, para acabar de justificar a razão de existencia d'esta raça, provar que ella não é susceptivel de ser melhorada, pois varias tentativas de cruzamento feitas com a raça mirandesa tem sido mal succedidas.

No fim do segundo cruzamento os productos obtidos, embora augmentem em corporeidade, perdem em sobriedade e rusticidade, que são as suas principaes qualidades e as mais necessarias nas condições em que está o Ribatejo, definhando e morrendo como qualquer animal puro da raça cruzante.

Recorrendo novamente ao trabalho do sr. Paulo de Moraes se vê que já a este respeito elle escrevia o seguinte:

«Effectivamente os productos cruzados ganham sob o ponto de vista dos melhoramentos morphologicos de que a raça brava é susceptivel. Além d'isso esses productos são mais facéis

de domesticar. Todavia é facto já averiguado, que uma maior infusão da raça extranha que vá além do primeiro cruzamento, embora sujeita a melhor regimen de alimentação, torna a descendencia infesada e rachitica pela influencia de meio extremamente paludoso em que tem de viver inevitavelmente.»

Para obter portanto animaes que não teem a força nem as vantagens da raça cruzante e que tão pouco conservam a sobriedade, rusticidade e ligeireza da raça cruzada, não merece a pena fazer o cruzamento.

Posto isto parece me ter provado, com fortes argumentos tirados de factos observados nos longos dias que passei a colher apontamentos, que a verdadeira razão da existencia d'esta raça não são as corridas de touros, que sómente podem ser consideradas como mais uma função economica que ella é a unica susceptivel de aproveitar, mas que é uma necessidade a sua conservação para se poder obter um trabalho mais certo e economico.

## II

### Funcções Economicas

(Corridas nas praças, trabalho, engorda)

Tem-se reconhecido que para a agricultura é mais economico ter uma raça com mais do que uma funcção economica, isto é, convém mais ter uma raça que sirva simultaneamente para trabalho e ceva, do que ter uma especial para cada uma d'estas funcções.

Sendo, pois, mais vantajoso ter raças com dupla funcção economica, mais conveniente será ainda ter uma com tres funcções, e n'estas circumstancias está a raça brava, que serve: para os touros, as corridas nas praças; para os bois, o trabalho; e finalmente para touros, bois e vacas, a engorda para o córte.

Começaremos a tratar de cada uma d'estas funcções, para maior facilidade do trabalho, seguindo a ordem pela qual ellas vão dando rendimento, e não pela que consideramos de maior importancia.

\*   \*   \*

#### *Corridas de touros.*

Teem sido as corridas nas praças a funcção tida como principal d'esta raça e que muitos consideram a razão de ser da sua existencia, razão esta bem falsa como provámos no capitulo anterior, por onde se vê que, pelo contrario, a exploração da raça brava, feita com esse fim para as praças portuguezas, tem sido a principal causa de condemnar-se a sua conservação, por as enormes perdas de que são victimas os que a teem emprehendido.

As corridas de touros, tal como se executam em Portugal, devem apenas ser consideradas como *mais uma fonte de rendimento* para a raça brava, visto a sua exploração no Ribatejo ser necessaria e mais vantajosa do que a de outra qualquer raça.

Quem tiver capital disponível, visto as condições em que se encontra a agricultura no Ribatejo, terá toda a vantagem em crear esta raça, seguindo as praticas empregadas em Hespanha com o fim de para ali a vender, por um preço muito superior ao do seu valor real.

Não me cumpre, n'um trabalho d'esta ordem, falar do effeito moral das touradas, que os seus inimigos dizem não ser proprias de nações civilisadas.

No emtanto lembrarei que existem em França, com touros de morte, e a França é um paiz tomado como modelo de civilização, cujos habitos e costumes estão invadindo todas as outras nações.

Para as corridas, tal como se realisam em Portugal, os touros são alugados, em geral, pela primeira vez, aos quatro annos, seguindo n'este emprego até aos sete, em que são castrados para serem submettidos ao trabalho.

Durante este tempo, se ha touros que vão duas e tres vezes á praça, ha tambem alguns que não vão nenhuma e outros uma só, ou por se terem inutilisado, devido a qualquer desastre, ou porque na primeira corrida deram logar a que o lavrador fosse objecto de protesto devido á falta de

bravura do animal, podendo se portanto calcular que cada touro é alugado vez e meia.

Sendo o preço do aluguel 30:000 a 40:000 réis por cada vez que é corrido, o rendimento que o proprietario tira é de 45:000 a 60:000 réis para cada animal, durante os dois annos que aturam n'esta funcção.

Este habito que teem os lavradores de alugarem os seus touros para mais de uma corrida, julgando que com isso lucram mais, tirando maior rendimento, deve ser condemnado sob todos os pontos de vista.

Em primeiro logar, se os animaes fossem uma só vez á praça aos quatro annos, sendo castrados logo em seguida e submettidos ao trabalho, o lucro seria maior, não só devido a que o trabalho nas geiras de terra durante esses dois annos valeria mais do que os 15 ou 20:000 réis que se obteem a mais n'esse espaço de tempo, cor.o tambem poderiam ser submettidos mais cedo á engorda, no que haveria toda a vantagem, pois assim obteriam um preço mais elevado de venda, aproveitando as tres funcções da maneira mais remuneradora.

Além d'isto um touro, quando corrido mais do que uma vez, não permite aos toureiros a

execução das sortes com o mesmo brilho do que quando vae á praça pela primeira vez, sendo isso uma das principaes causas que teem feito diminuir o gosto por este espectáculo, considerado como o mais predilecto do povo portuguez mas que hoje se encontra n'um periodo de decadencia.

Os lavradores devem pensar n'isso, pois seriam elles os mais prejudicados se esse espectáculo se extinguisse, porque era uma funcção economica que acabava para a raça brava.

Assim como achamos que os touros não devem ser alugados mais do que uma vez, tambem não concordamos em que seja mais vantajoso castrar-os aos 3 annos, fazendo com que comecem logo a trabalhar, pois perderiam esse rendimento de 30:000 ou 40:000 réis que obteem com a funcção das corridas, atrasando apenas um anno no trabalho que durante esse tempo não teria igual valor.

E, como o custo da alimentação está calculado em 12:000 réis annuaes para cada cabeça, o custo do sustento ficaria assim reduzido a nada, sómente com o aluguel aos quatro annos, sendo o valor do trabalho por elle feito, bem como o preço de venda, lucro bruto a contar desde a idade em que começassem a trabalhar.



### *Trabalho.*

Continuando a tratar das funcções, segundo a ordem porque vão sendo aproveitadas, segue-se o *trabalho*.

A primeira operação que ha a fazer para submitter estes animaes ao trabalho é a *castração*, com o fim de lhes attenuar a bravura que os caracteriza, tornando-os mais doces e submissos e facilitando por tanto a amansia.

Depois da castração, que tem logar aos tres annos para os animaes que não são destinados a ir á praça, e aos cinco, seis e sete para os touros conhecedores das lides tauromachicas, atase-lhes uma corda comprida aos cornos e deixam-se andar assim na pastagem durante uns 3 a 4 dias, afim de que o animal se habitue a sentir-se preso por a cabeça, e pize a corda que vae arrastando, o que o obriga a abaixar a cabeça e a fazer lhe sentir mais o effeito da sujeição.

A's charruas destinadas á amansia estão atre-

ladas tres ou quatro juntas de animaes da mesma raça já amansados, a que se dão os seguintes nomes: primeira junta, *rodas* ou *couce*, segunda *força*, terceira *terça* e quarta *dianteira*.

Sendo apenas tres juntas, á primeira dá-se o nome de *rodas* ou *couce*, á do meio *força* e á da frente *dianteira*.

O boi que se quer jungir á charrua vae para a junta da *terça* (que é formada por o boi de *encosto* ou de *entralho* e por o boi *madrinha*), quando a charrua tem quatro juntas; e para a da *força*, quando tem só tres, dando se então aos bois que a formam os mesmos nomes.

Para se proceder ao atrellamento, leva se o boi para o pé da charrua, e puxa-se ao *entralho* por a ponta da corda que o prende, entalando-o entre o boi *madrinha*, que lhe ha de servir de companheiro, e o boi de *entralho* ou *encosto*, para o logar do qual elle vae, e que serve de resguardo aos criados, enquanto o boi a amansar não está jungido á charrua e com a sóga passada, sendo depois tirado para fóra.

Sujeitos por os companheiros que o obrigam a seguir no trabalho, os bois a amansar, embora nos primeiros dias, saltando, reajam contra a sujeição e se queiram ver livres da canga, ao

fim de dois a tres dias estão quasi amansados, sendo curioso ver como, passadas duas semanas, esses animaes, de indole rustica e bravia, com uma simples chamada do *maioral* vão, com o andar pausado e grave caracteristico de todos os bovideos, procurar o seu logar, encostando-se ao apo da charrua e mettendo a cabeça de-baixo da canga!

Quem presenciar isto pôde presumir que aquelle animal, que de propria vontade se vae submitter ao trabalho, como o não faz nenhum de raça mansa, deu muitas vezes tardes de gloria ao seu possuidor pela bravura e coragem com que arremetia nas praças contra aquelles que o desafiavam?

Alguns foram touros e de bom sangue e com-tudo já se não lembram dos tempos passados e parece que comprehenderam que a sua verdadeira missão é a de prestar serviços á agricultura, trabalhando em sitios onde nenhuma outra raça o pôde fazer sem risco para o proprietario, e diminuindo a despesa em logares onde todas as outras raças encontram boas condições de existencia.

Passando agora a examinar detalhadamente os serviços que esta raça presta como gado de

trabalho, vamos ver quaes sã) as suas vantagens, nas condições especiaes em que se encontra a agricultura ribatejana.

Dizem muitos que é preferivel a raça mirandesa nos trabalhos agricolas d'esta região, não só por ser mais poderosa, sendo preciso empregar, por cada boi mirandez, dois de raça brava, como tambem pela maior demora que exige o atrelamento dos touros ás charruas, tornando o trabalho mais moroso e incommodo, e pela imperfeição das lavouras por elles executadas.

Por o que dissemos no primeiro capitulo já se póde ver que esta primeira razão não justifica tal preferencia, visto que, se, na verdade, a raça brava é menos possante, sendo precisos oito d'estes animaes para fazer o serviço de quatro d'aquelles, não é menos verdade que o que se deve procurar é obter um trabalho mais economico, afim de que seja mais lucrativa a cultura que se quer produzir. E já vimos que o custo do sustento dos oito bois bravos, em relação aos quatro mansos, dá uma economia de 196:000 réis.

Com respeito á segunda razão, é verdade que, quando se trata de jungir pelas primeiras vezes á charrua o gado bravo, isso é mais demorado

que atrellar os bois mansos, mas a difficuldade é sobejamente compensada, não só pela incomparavel ligeireza d'aquelles, como pela maior rapidez, com que depois de amansados, são atrelados, indo, como já atraz dissemos, de moto proprio, submetter-se ao castigo.

E' muito mais rapida a preparação de duas a tres charruas de gado bravo, de que uma com bois de raça mansa.

Ainda este anno, nas propriedades do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Palha, presenciámos o atrellamento de quarenta e oito juntas de bois, de raça brava. a charruas polifolias, feito em dezoito minutos.

Este facto, que tambem foi presenciado por varios technicos agricolas, prova bem que é um erro a opinião que muitos teem de ser difficil e morosa essa operação.

Tratando agora da maior perfeição dos trabalhos agricolas feitos com a raça mansa, tenho a repetir o mesmo que atraz deixei dito com respeito á maior difficuldade em os atrellar á charrua, porque, se nos primeiros dias o trabalho executado pelo gado bravo, com os arranços e saltos que dá, não permite uma lavoura bem feita, apparecendo os sulcos irregulares e de differentes profundidades, quando habituados

ao serviço não existe differença para melhor no trabalho feito pelos animaes de raça mansa.

Mas, além de todas as vantagens que expuz, antes de preferir outra qualquer raça, temos que examinar a agricultura tal como as condições da região exigem que ella seja feita.

A principal razão, que a torna logo superior a qualquer outra raça bovina é sua maior sobriedade e rusticidade.

Nos mezes de julho e agosto a agricultura no Ribatejo exige alqueives nas terras, trabalho este em que esta raça tem uma incomparavel superioridade.

Não ha animal algum de outra qualquer raça que possa aguentar tal serviço sem estar exposto a adoecer. A experiencia tem-o demonstrado.

Além d'isso em sitios como o Ribatejo, onde os terrenos são frequentes vezes inundados, os trabalhos agricolas teem de ser feitos em pouco tempo, acontecendo que a maior parte das vezes se reduz a quinze e vinte dias o prazo de que podem dispôr os agricultores para lavrar e semear as suas terras.

A' vezes um só dia a mais na demora do serviço causa a perda completa do trabalho começado!

E' preciso que o lavrador disponha de muitos animaes, que muitas vezes não chegam para fazer o serviço no devido tempo, para que se possa tirar lucro da agricultura.

Como vimos atraz a differença no custo da alimentação de um boi de raça mansa para um de raça brava é enorme e portanto é muito mais economico ter grande numero de bois bravos para na epoca precisa os submeter ao trabalho, do que ter um numero, proporcional em relação á força de que uns e outros dispõem, de animaes de raça mansa, cujo preço de conservação seria muito superior embora o numero de animaes necessarios diminuisse.

O que se deve attender principalmente é á rapidez do serviço e não á sua perfeição, embora esse fosse mais perfeito com o emprego da raça mansa. Mas não é, como já vimos. Bastaria pois a maior ligeirera e rapidez no serviço da raça brava para a tornar preferivel, mesmo que o custo do seu sustento fosse superior.

A maior agilidade e rapidez de andamento do gado bravo tornam-o tambem mais vantajoso no trabalho de transportes. Essa condição é muito importante e deve-se juntar a todas as outras que enumeramos e que justificam a incompa-

ravel superioridade do gado bravo para todos os trabalhos agricolas d'esta região.

\*  
\*   \*  
\*

*A ceva.*

Vamos finalmente tratar da *funcção da ceva* que deve ser considerada como a mais importante de todas.

N'uma epoca em que a tendencia para o augmento do consumo de carne é cada vez maior, deve ser esta uma das funcções que mais se deve attender, visto as circumstancias em que o paiz se encontra de falta de carne, havendo necessidade de uma enorme importação.

E' o Ribatejo uma das regiões que mais está nas circumstancias de poder concorrer com um factor importante para a resolução d'este problema, visto os recursos forraginosos de que dispõe, e o regimen em que se encontra a sua agricultura, que é a que permite como vamos ver, uma produção nas melhores condições economicas.

E' ainda a raça brava a que melhor se accom-

moda, em taes circumstancias, a ser explorada em toda a região.

São tres os systemas de engorda: *pastoril*, *estabular* e *mixto*.

Ora em sitios como o Ribatejo, onde abunda a terra e faltam os braços para a cultivar, impõe-se como melhor systema a seguir o *pastoril*, que de resto é considerado hoje por todos como o mais economico.

E' mais conveniente fazer consumir a herva em verde, directamente na pastagem, do que cortal-a para a fornecer no estabulo.

A herva cortada a dente parece que produz menos do que sendo ceifada, mas essa menor producção é compensada pelo systema seguido, visto que d'esta fórma os animaes aproveitam a hervagem ainda nova, muito mais rica em principios nutritivos e de mais facil digestão.

Este systema que é como se vê o mais conveniente quando as condições da agricultura o permittem, é aquelle a que está sujeita a raça de que estamos tratando.

Devido á fórma porque ella é explorada só é submettida a engorda dos nove aos onze annos, depois de estar esgotada de forças pelo trabalho.

Apesar de ser apenas 3 mezes, (março, abril

e maio), o tempo que dispensam a estes animaes para a ceva, elles conseguem obter um peso vivo, que é, em media, para as vaccas, de 300 kilos e para os bois de 500 kilos, dando um rendimento de 50 a 55 0/0 de carne limpa.

Estes pesos são obtidos depois de velhos e cançados pelas corridas e trabalho, sendo então submettidos á ceva em pastagens, que, apesar de serem as melhores que lhe são destinadas, são pouco fartas e incapazes de engordar em igual espaço de tempo animaes de outra raça.

Vê-se portanto que esta, além do desenvolvimento physico, mais precoce tem um poder cevatriz superior a outra qualquer.

Dão-se casos como o seguinte :

Varios bois de raça brava com sete a oito annos de idade no estado mais reduzido de carnes (300 k. p. b.) em qualquer pastagem de salgado, n'um periodo de apascentamento de cem dias, attingiram 500 a 600 kilos de peso vivo !

Pergunta-se : Que raça ha no paiz que n'este regimen e n'este espaço de tempo obtenha taes pesos ?

Nenhuma !

Porque as que ha no paiz, para obterem pesos eguaes e mesmo superiores, desde o perio-

do de amamentação exigem grandes cuidados e farta alimentação.

Este facto, que foi observado por nós nas propriedades do sr. José Palha, mostra bem a incomparavel aptidão para a engorda que esta raça possui e a sua superioridade sobre as outras, pois torna-se mais vantajosa uma raça quanto menor fôr o espaço de tempo em que o animal consiga chegar ao estado de gordo.

E, os dados que se dão como tornando o systema pastoril mais remunerador, mostram bem a superioridade do gado bravo.

Este systema, para convir, deve ter uma duração maxima de 150 dias com um augmento de 20 % em media, de peso vivo, por cada animal de 600 kilos.

Ora o caso que citamos mostra que a raça brava, em menos cincoenta dias, do que o dado como economico para convir a operação, augmenta em media 40 % do peso vivo por cada boi de 300 kilos.

A idade a que estes animaes são postos a engordar e as praticas que se seguem para os matar, são a principal causa da condemnação d'esta raça como gado de ceva, pois n'essas con-

dições decerto que a sua carne tem de ser muito inferior á de outra qualquer raça.

Como atraz dissemos, quando chegam á idade nove a onze annos, são conduzidos para os matadouros, onde chegam a maior parte das vezes ao fim de muitas horas de caminho.

Dão entrada no matadouro, durante a madrugada, cheios de canção, devido ao longo percurso que fizeram, e muitas vezes excitados por os tratamentos que soffrem quando os espantam, sendo á força de muito picados pelos campinos que se consegue leval-os ao seu destino.

Como se isto não bastasse, apenas ao fim de algumas horas começa a operação da matança, que é precedida de uma verdadeira tourada, em que os toureiros são os empregados do matadouro, que, armados de cacetes com um bico na extremidade, espicaçam e torturam o pobre animal que vae soffrer o sacrificio da morte.

Dizem então depois que a carne d'este gado não presta porque é dura, pouco nutritiva e de mau gosto!

É evidente que matando os animaes neste estado de congestionamento e cheios de contusões, além da grande quantidade de carne que se lhes inutilisa, a restante pouco vale.

O que succede com elles succederia com qualquer outro.

Oiça-se o que diz uma auctoridade :

(1) «Aponta-se o caso acontecido no grão-ducado de Baden de um gamo caçado n'uma armadilha, cuja carne de tal modo se alterou pelos esforços angustiosos da rez para se soltar do laço, que as pessoas que a comeram apresentaram symptomas graves de irritação gastro-intestinal.

O sr. Bonde, membro do instituto de França, n'um artigo da *Revista de dois Mundos* (15 de janeiro de 1861), faz considerações e apresenta festas em desabono de toda a carne procedente de animaes que tenham soffrido afflicção por qualquer titulo.

O bom cozinheiro, diz elle, sabe que o javardo, o veado, a gazella, a lebre, forçados pelas corridas que lhes dão caça, e apanhados depois das angustias de uma lucta prolongada, prestam uma *carne detestavel*; e se é artista que preza a sua dignidade, regeita de si o encargo de a preparar ou cozinhar.

---

(1) *Archivo Rural* vol. 13— pag. 510.

Mas além d'estes casos que provam bem as razões porque a carne do gado bravo é inferior não só em rendimento, como em qualidade á de qualquer outra raça, temos observação directa do facto, com o que se passa no matadouro de Villa Franca.

Ahi o systema de matar estes animaes foi implantado por o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Palha, e consiste em não os submeter ás torturas que soffrem no matadouro de Lisboa, introduzindo-os com o maximo socego em corredores estreitos onde lhes enterram a choupa.

Morta nestas condições a carne em nada é inferior á de raça mansa, no periodo que vae d'abril a julho, que é de resto a epoca destinada á matança dos animaes de raça brava.

De resto, isto de ter um periodo limitado em que a sua carne é melhor, succede igualmente com a raça *arouqueza* e *barroçã*, em que a epoca melhor da sua carne é a que vae de agosto a março, que é quando apparecem no mercado.

A raça *alemtejana* que tem a mesma epoca que a brava, em nada se lhe torna superior, sendo a classificação de melhor, que se lhe dá, devida sómente ás praticas seguidas no matadouro para abater uma e outra.

Vê-se portanto que a carne da raça brava em nada é inferior á de outra qualquer, e este gado póde prestar um maior lucro aos lavradores, obtendo um preço superior ao de 50.000 a 60:000 réis para os touros e 20:000 a 40:000 réis para as vaccas, que são os que actualmente obtem.

O que ha porém a fazer para isto é aproveitar os touros nas suas differentes funcções, da fórma que indicámos, dando em resultado isso que mais cedo são submettidos á ceva.

Além d'isto o systema porque se mata em Villa Franca deve ser implantado em todos os matadouros, que se encontram proximos do centro da sua producção.

Por esta fórma conseguiriam de certo os lavradores, que a arroba de carne d'este gado não tivesse um preço inferior ao das outras raças, como actualmente succede.

**Creação — Recreação — Praticas seguidas**  
**Meio de melhorar a raça**

Vimos nos capitulos anteriores a verdadeira razão de existencia d'esta raça e as vantagens que tem a sua exploração no Ribatejo.

Para completar este trabalho, falta apenas descrever as operações a seguir na sua criação segundo as suas differentes funcções.

\*

\* \*

Como dissemos no primeiro capitulo o regimen d'este gado é exclusivamente manadio, não conhecendo abrigo de especie alguma, costumeado a viver debaixo das mais fortes intemperies.

Ora nas terras de campo, ora nas charnecas, andam quasi sempre acompanhados por *cabrestos* que lhes servem de guia e facilitam aos *campinos* a sua conducção.

Sempre promptos ao ataque quando os desafiam, se estão pastando tranquillamente nas planices ou nas encostas, fogem com qualquer pedrada que lhes atirem, recolhendo-se entre os seus companheiros.

É curioso vêr como esse animal de indole activa e bravia, tão poderoso como o elephante e tão ligeiro como o tigre, parece domesticado e domado por o simples *pampilho* dos campinos a cavallo, e atravessa campos desertos, estradas, cidades e aldeias, seguindo a passo ou em vertiginosa carreira os cavallos dos que o conduzem ás praças, onde vae dar provas do seu valor!

\*

\* \*

Feita a escolha dos touros destinados á reproducção, em chegando o mez de março, apartam-se as vaccas de trez annos em manadas de

50 a 100 cabeças, lançando-lhes respectivamente um ou dois touros conforme a manada.

As vaccas que são cobertas em geral todos os annos dão 60 a 80 crias por 100 das cobertas.

Começam as crias a nascer no mez de dezembro e andam com a mãe até aos 10 mezes, a qual, pródiga e carinhosa, lhes apresenta o seu inchado ubere e os acaricia com a lingua, ao mesmo tempo que a cria traga com anciedade o liquido que a hade robustecer.

Sem cuidados alguns que lhes forneçam, fugitivas e assustadiças com o mais ligeiro ruido, ellas andam bem guardadas por a mãe, que ergue magestosa a cabeça quando vê alguém aproximár-se e está sempre prompta a defender o filho de qualquer perigo.

Em chegando á idade de dez ou doze mezes procede-se á apartação.

Esta executa-se umas vezes no campo, outras nos curraes ou pateos.

Para este segundo modo de apartação, que é o geralmente seguido, encerram-se as vaccas e bezerros n'um pateo ou curral e procede-se em seguida á apartação soltando as vaccas para o campo.

Os bezerros ficam no pateo afim de que se

esqueçam das mães, que nos primeiros dias fogem da pastagem e veem procurar os filhos.

Durante o tempo que estão presos, os bezerros são alimentados comervas tenras e fêno, que se lançam no pateo.

Ao fim de alguns dias, quando já estejam mais esquecidos das mães, vão para o campo acompanhados de alguns cabrestos, e ali permanecem juntos, machos e fêmeas, até aos doze ou quinze mezes, em que se apartam para se proceder á *ferra*.

Esta operação consiste em marcar os animaes na cõxa direita, com um ferro em braza, que representa as iniciaes do nome do lavrador ou uma marca que adoptam como ferro.

Ao mesmo tempo que se ferram são marcados tambem com numeros e com a era do anno.

O dia da ferra é dia de festa em casa do lavrador.

Na vespera de tarde, ou na propria manhã em que a ferra se realisa, os convidados e campinos, a cavallo, vão ao campo, a fim de conduzirem os bezerros para o pateo ou praça onde ella se realisa.

Deve o pateo ter duas divisões, a fim de que os bezerros vão passando a um e um ou dois e

dois, umas vezes acompanhados com um cabresto, outras vezes sós.

N'este segundo pateo, para onde elles vão passando, encontram-se os amadores que se querem arriscar a levar o seu boléo, e os criados, que, lançando-se em pégas de cernelha e rabejando o bezerro ou bezerra, conseguem sujeitá-los e deitá-los no chão, procedendo-se depois á marcação.

N'estes torneios, que dão sempre logar a grandes tombos e pancadas, já tenho visto bezeros de quinze mezes atirarem ao chão cinco e seis homens, ferindo-os e magoando-os muitas vezes!

Em geral, depois de concluida a ferra, o lavrador dá dois touros para os amadores executarem sortes.

A' medida que vão sendo ferrados os animaes, são soltos para o campo, indo os machos para a manada dos touros e as fêmeas para a das vaccas, sendo então a sua vida semelhante em tudo á dos animaes adultos, cujo regimen e modo de vida são os que já atraz descrevemos.

Isto, que até aqui temos dito, é o que fazem todos os lavradores que criam a raça brava.

Os que criam esta raça sem ser com o fim de a alugar para as praças, mas sim como gado de trabalho, deixam-a andar livre até aos tres annos, idade em que os animaes são castrados e submettidos ao trabalho.

Quando os querem destinar para as corridas de touros, conservam-os inteiros até que não voltem mais á praça, o que em geral succede aos seis e sete annos.

E' o que geralmente se faz no paiz.

Porém, tem havido alguns lavradores que, com o fim de venderem os seus touros para Hespanha, teem empregado as praticas ali seguidas.

Para isso, em chegando aos dois annos, submettem-os á *tenta*, que tem por fim avaliar a bravura do touro.

A bravura, que é qualidade transmitida por hereditariadade e só por acaso existe nas raças mansas, consiste na energia e lealdade com que os animaes investem e não na rusticidade do animal como muitos imaginam, que pelo contrario os torna cobardes e ariscos.

A *tenta* pôde ser effectuada ou no campo ou numa praça.

Esta segunda forma de tentar, que é a que

entre nós se tem seguido como melhor, é a que vamos descrever.

Na praça ou pateo onde se procede á *tenta* existem varios esconderijos afim de servirem de resguardo aos toureiros a pé, que servem por sua vez para livrar o picador a cavallo em caso de necessidade.

O bezerro ou bezerra que se deseja tentar faz-se entrar para a praça, onde o picador a cavallo, armado de vara com bico na extremidade, o desafia.

Se o animal investe com coragem mostrando força e resistencia, o proprietario que assiste á festa grita: «*touro!*» Isto significa que o animal deve ser separado para ir para a manada dos touros e que tem condições para dar boas provas de futuro em qualquer praça.

Se porem o proprietario diz: «*boi!*» quer dizer que o animal se mostrou cobarde e é então separado para ser castrado e submettido; ao trabalho.

Esta operação que tem sido executada por a maior parte dos lavradores portuguezes com pouco acerto, é uma das razões que tem influido principalmente para que elles não tenham obtido productos capazes.

As tentas em geral são apenas feitas aos touros e não ás vaccas. Ora deve ser exactamente o contrario, como a experiencia o tem demonstrado.

A tenta feita aos touros apenas deve ser praticada áquelles que se destinam a cobrir as vaccas porque os que são para as praças, embora esta operação seja feita aos dois annos e elles só sejam corridos aos 4, ainda se lembram do que soffreram.

Tem succedido que muitos animaes que tem dado optimas provas na tenta chegam á praça e são completamente mansos!

A operação da *tenta*, junta a uma alimentação mais cuidada, é a pratica mais executada pelos lavradores que criam estes animaes para serem corridos nas praças em Hespanha.

\*

\*      \*

Para concluir finalmente os assumptos de que me propuz tratar, indicarei como forma de melhorar esta raça: O cruzamento continuo com a

raça brava hespanhola, cujas qualidades, tanto para corridas, como para trabalho, como para ceva, são superiores ás da nossa raça brava.

Além d isso esta raça, superior sob todos os pontos de vista á nossa, vem encontrar no Ribatejo um meio perfeitamente identico áquelle em que vive, os campos da Andaluzia nas margens do Guadalquivir, não sendo portanto de temer que ella se não acclimate, pois a experiencia tentada por differentes lavradores bem o tem demonstrado.

THE  
LIBRARY  
OF THE  
MUSEUM  
OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND ANATOMY  
HARVARD UNIVERSITY  
CAMBRIDGE, MASS.

## Conclusões

1.<sup>a</sup>

A raça brava é a mais sobria e rustica das raças bovinas do paiz.

2.<sup>a</sup>

N'uma parte do Ribatejo a raça brava é indispensavel para a agricultura, e preferivel a qualquer outra em toda a região, sendo esta a verdadeira razão da sua existencia.

3.<sup>a</sup>

As corridas em Portugal apenas devem ser

consideradas como uma funcção util, não dedicando a esta raça os cuidados que se empregam em Hespanha.

4.<sup>a</sup>

Os touros só devem aproveitar uma vez a funcção das corridas, sendo logo castrados e submettidos ao trabalho.

5.<sup>a</sup>

Para a agricultura, tal como se encontra no Ribatejo a raça brava, é a que deve ser empregada para todos os trabalhos agricolas.

6.<sup>a</sup>

A raça brava é a mais vantajosa a explorar como raça de ceva em todo o Ribatejo.

7.<sup>a</sup>

Na epoca propria e morta nas mesmas con-

dições a carne da raça brava não é inferior á de qualquer outra raça.

8.<sup>a</sup>

Deve-se adoptar como meio de melhorar a raça brava o seu cruzamento com a raça brava hespanhola.



